

Inauguração do MONUMENTO A JOÃO DUARTE



PROVERO DA INDUS-
TRIA TEXTIL DE MA-
TÉRIAS EM BARCELOS
E NORTE DO PAÍS
TEVE POR LEMMA FA-
ZER O BEM. LEVOU
A CARIDADE AONDE
A JUSTIÇA SOCIAL
NÃO CHEGOU
POIS VIDA E TALENTO
AO SERVIÇO DOS OU-
TROS QUE NELE SEM-
PRE ENCONTRARAM
UM PAZ E BOM CON-
SELHO
ERA O CHEFE MODE-
LAR-DIZIAMOS SEUS
TRABALHADORES
-ERA O AMIGO DE TO-
DOS-CLAMOU O PO-
VO CHOROSO

BARCELOS
9-7-1967

A
JOÃO DUARTE

Pe. Manuel Avelino Ferreira



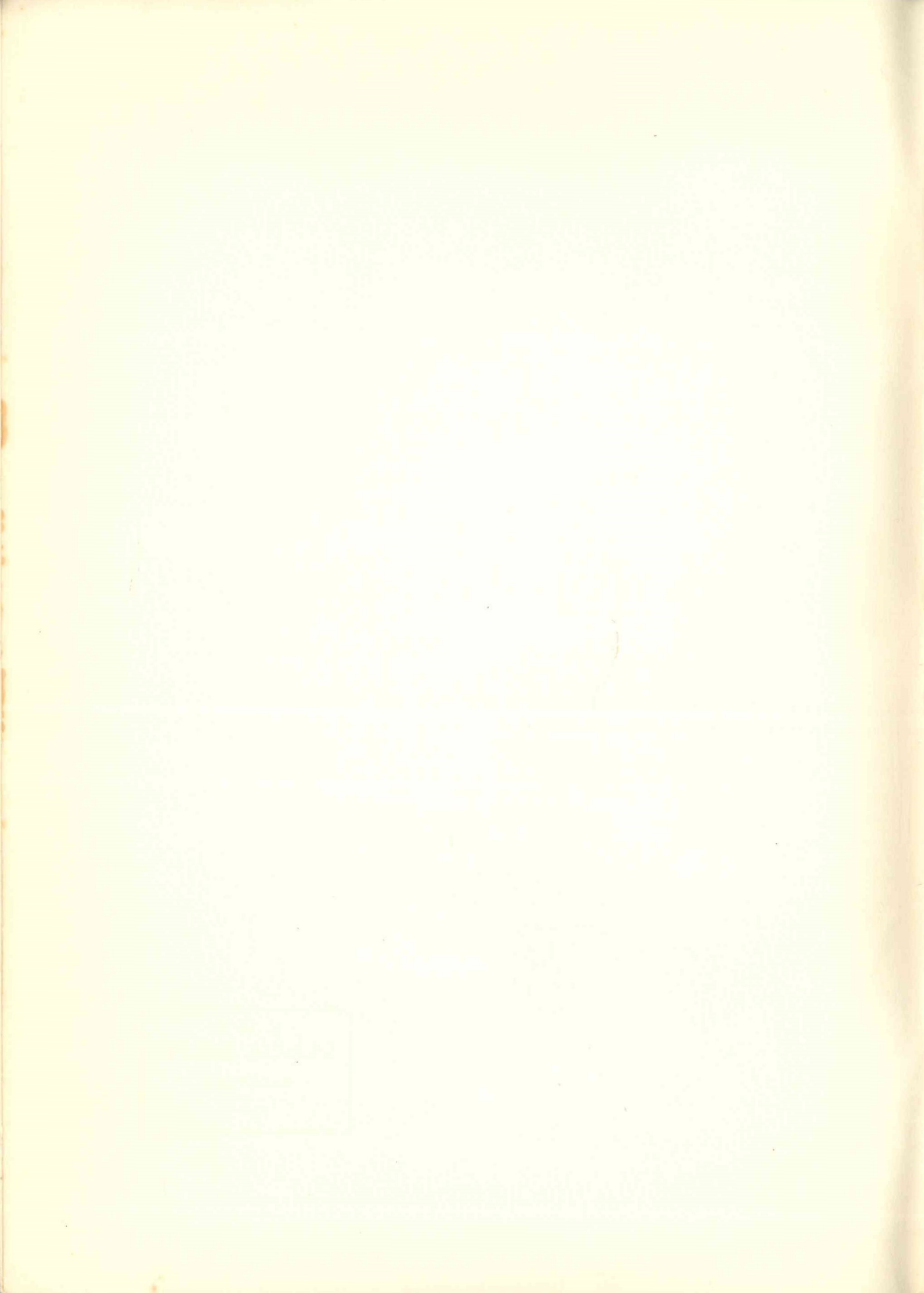
1.75(469.12)"1967
A

A biblioteca Municipal
de Barcelos, como recorda-
ção do Monumento,
oferece atenciosamente
o opusculo desta
brochura.

Helena Ferreira

9-3-1984

Santa Maria do Odeia,
Barcelos



Inauguração
do
MONUMENTO A JOÃO DUARTE

BARCELOS
9-7-1967



Boraliame
Perm.

NÃO podíamos deixar passar em silêncio, fazendo cair no olvido, a comovedora inauguração do Monumento que entre nós fez reviver João Duarte.

Neste aditamento ao livro que nos desenha a sua bela figura apenas registaremos a acta de inauguração, os discursos proferidos e um artigo da «Voz do Minho», que descreve e analisa o monumento que a dedicação de muitos ergueu a este valoroso Barcelense.

Resistimos à tentação de registar quaisquer outras publicações porque seria um nunca-mais-acabar.

No frontispício desta publicação podemos admirar o monumento em fotogravura, vendo-se ao fundo um pormenor da Fábrica Barcelense, a primeira que o homenageado fundou em Barcelos.

A inauguração teve lugar na tarde do dia 9 de Julho de 1967, com a presença das autoridades civis e religiosas do distrito e do concelho, das briosas Corporações dos Bombeiros Voluntários de Barcelos e Barcelinhos, e de outras associações, com a presença de muito povo e de numerosos amigos de todo o País.

Celebrou a missa Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz — D. Francisco Maria da Silva, que usou da palavra aludindo com emoção, num fino recorte literário, ao acto que se celebrava.

O Senhor Dr. Henrique Veiga de Macedo, orador da tarde, pronunciou um eloquente e sentido discurso.

O Governo da Nação esteve presente na pessoa do Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social—Professor Doutor José João Gonçalves de Proença, que encerrou a sessão num brilhante improviso.

Assim, Barcelos e o País saldaram / uma grande dívida.

I

João Duarte
na glória dum Monumento

«B ARCELOS está a viver um dos seus momentos históricos com a inauguração dum grandioso monumento, levantado por subscrição pública a um dos seus melhores filhos de todos os tempos.

Foi ele glória do nosso tempo, que presenciou a sua vida, suas qualidades e virtudes, que assistiu ao nascer e desenrolar da sua grande obra social e industrial, que usufruiu os frutos do seu trabalho vigoroso e duma acção beneficente inigualável.

Esse momento chegou. E todos os homens de bem, não apenas os barcelenses, se congratulam e regosijam com o facto, que será um marco miliário nos anais da cidade e do concelho.

A cidade de Barcelos, com este sumptuoso imóvel implantado num dos seus jardins, como resultado do carinho agradecido de amigos e barcelenses, torna-se mais rica, mais imponente e mais bela.

Singularmente mais bela se nos apresenta pela sua gesta de, por tal modo, tornar imorredouro um dos seus filhos, erguendo-o perante o futuro num monumento, a indicar às gerações que passam o caminho do dever, da virtude, da honra e do trabalho, da justiça, da caridade.

Honra a Barcelos, que assim nobilita um dos seus grandes, enaltecendo-se também a si mesma. Honra aos conterrâneos e amigos de João Duarte, que magnificamente o homenagearam com um monumento de granito e bronze e com um monumento literário, ambos bem à altura da destacada personalidade do ilustre barcelense.

1 — O monumento artístico de bronze e granito, que agora é inaugurado, e que altamente honra o seu autor, encontra-se no jardim fron-

teiro à igreja de Santo António, para onde gravita e se desloca o coração da cidade. É ali que ele se ergue, em frente da igreja que João Duarte sempre frequentou, ali bem junto da sua residência e da sua obra, da sua fábrica, das fábricas que fez surgir dos seus ideais de lutador por um Portugal melhor, logo plasmados enèrgicamente pela sua actividade sempre dinâmica e serena.

É solene a inauguração do monumento a João Duarte, o barcelense que conseguiu, mercê das suas qualidades e suas obras, impôr-se a todo o País. Preside Sua Excelência o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, em nome do Governo de Salazar e da Nação, com a presença do Senhor Arcebispo Primaz que encarna a Igreja reconhecida, e das demais autoridades distritais e concelhias, de muitos amigos vindos de todo o lado, e dos barcelenses que sabem cumprir. Belíssima tarde de 9 de Julho de 1967..!

Admirando a obra de arte hoje inaugurada, da autoria do brilhante escultor Eduardo Tavares, professor da Escola Superior de Belas Artes do Porto, verificamos que a estátua em bronze é de 3 metros de altura; encontra-se voltada para o poente como desejando acompanhar o sol na sua marcha de luz, e de energia, de calor que dá vida; o seu olhar estende-se à distância como a antever o futuro e a equacionar os seus problemas, em constante progresso dos homens e da vida; a sua mão direita, num sentido indicativo, aponta o melhor caminho a prosseguir na senda do dever e do trabalho, da honra, da virtude; ao mesmo tempo, ela, a sua laboriosa e benemérita mão direita, *entreaberta*, significa a generosidade equitativa, com que esse Homem Bom distribuía grande parte dos seus bens pelos concidadãos de todas as posições sociais, enquanto que a esquerda, no lado oposto retraída e aconchegando o agasalho, ignora da direita as benemerências. Era assim João Duarte.

A estátua, em pé sobre um pedestal de pedra lavrada que mede 1,^m50 de altura por 0,80 de largura, tem aos pés singelamente o nome do homenageado em dedicatória e a data de 9-7-1967; ao seu lado direito, e recuado, cresce, imponente, um obelisco de granito, de 7 metros de

alto, que, nas faces norte e sul, ostenta expressivas legendas gravadas, a sintetizar o Homem que ali se eleva aos olhos de quem passa.

No pedestal, lado norte, encontra-se uma alegoria, em bronze em baixo-relevo, onde se vê uma jovem figura feminina, numa posição de força e actividade vigorosa, aparecendo no cimo o sol que dá energia e aquece a humanidade, e uma pomba bondosa e mansa, tudo simbolizando a energia e a bondade, que foram características vincadas da vida de João Duarte.

Ainda no obelisco, lado sul, lê-se: « *Por subscrição Pública* », residindo nessa subscrição todo o mérito do monumento, que em poucos meses se tornou realidade consoladora, mercê do carinho dos amigos e do agradecimento popular.

2 — Também um monumento literário se ergueu a João Duarte neste curto espaço de tempo. Não é ele de menor transcendência, sendo até de maior projecção, e consta de um magnífico volume de cerca de 300 páginas, editado pela Comissão Executiva do Monumento, o qual ocupará lugar de honra nos lares amigos. Intitula-se « *João Duarte — Um Homem, Uma Obra* ».

Impressões? Citemos apenas as primeiras: O querido e ilustre Professor Doutor Elísio de Moura, espírito sempre esclarecido, que para sempre tem o seu nome gloriosamente ligado a Coimbra e à sua Universidade, depois de folhear este volume que lhe acabava de chegar às mãos, analisando sem demora a eloquente lista dos subscritores do monumento, disse admirado e surpreendido: « Não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o senhor João Duarte nem pessoas da sua Família, tendo apenas dele conhecimento através de pessoa amiga e de qualquer notícia jornalística referente à sua obra. Mas um homem que, depois da morte, em tão pouco tempo tanto cresce, e assim consegue congregar em volta do seu nome tanta gente, com tanto carinho e tamanha generosidade, tinha forçosamente de ser em vida um homem extraordinário, um homem da maior categoria moral e social, e de quali-

dades muito excepcionais, um homem de larga projecção humana, um assombro entre os homens ».

Ao lado do comentário, que não sofre comentários, do célebre professor da Atenas portuguesa ficará muito bem estoutro como eco coração popular: O compositor do livro, tipógrafo duma das melhores casas da especialidade do País, em dado momento apressou-se a solicitar humildemente a oferta dum exemplar, porque já «sentia grande admiração pelo protagonista Senhor João Duarte, cuja biografia muito desejava possuir», acrescentando que «nunca imaginara pudesse existir no mundo um homem tão grande, um homem tão bom ».

3 — Em 19 de Março passado um colaborador lisboeta propunha, num jornal local, a instituição dum prémio na Escola Comercial e Industrial de Barcelos com o nome de João Duarte. Alvitrava ainda que fosse João Duarte declarado oficialmente o patrono desse estabelecimento de ensino técnico barcelense, porque nesse ramo fora ele um modelo extraordinário de saber e acção. Acrescentava, num acertado paralelo, que o Barreiro assim procedera para com o seu filho Alfredo da Silva, que fora para o Barreiro o que foi João Duarte para Barcelos.

A proposta e o alvitre são dignos do melhor apoio, e oxalá se concretizem oportunamente porque também são de inteira justiça.

Em conclusão, quando, no Abril de 1966, fazíamos a arrancada para a construção do Monumento a João Duarte, abrindo a subscrição pública juntamente com o jornal «O Barcelense», sabíamos de antemão que ela a curto prazo atingiria o seu objectivo. Mas estávamos muito longe de supor que o conseguisse tão depressa. Parabéns a Barcelos e aos amigos que estiveram presentes e sem demora. Parabéns a João Duarte que soubera polarizar vontades e corações que lhe ergueram em gratidão monumentos de glória, que soubera projectar-se nas camadas sociais da Pátria que ele amou sempre com devoção. — A. F. »

Amelino Ferreira

II

Fala Sua Excelência Reverendíssima
o Senhor Arcebispo Primaz

«MANDA a Santa Igreja que o celebrante faça a homilia, e a homilia é a explicação do Santo Evangelho. Acaba ele de ser lido. Por vezes são as circunstâncias externas que ditam a espécie de exortação. Agora será o Evangelho e são as circunstâncias. Bem sabeis porque nos encontramos aqui reunidos.

O Evangelho fala-nos de alguém que não foi feitor fiel, que malbaratou os bens que eram do Senhor, que não eram seus. Depois houve o julgamento, e sobre o proceder foi dada a sentença.

Ora temos para nós uma imediata lição: As coisas da terra andam, passam por nossas mãos, pelo menos pelas mãos de alguns, pelas mãos de muitos, e para elas se destinou sempre um proprietário.

Porém, o único senhor absoluto, incontestado para quem raciocina logicamente, é o Pai que está no Céu, criador de tudo, do visível e invisível. A não ser Deus — Deus é por Si — nós somos feitores deste único Senhor. Por vezes imaginámo-nos proprietários. Se o somos, não é no sentido próprio, não no sentido absoluto, mas dentro de algum paralelismo. Quereis ver como é assim o que estou a afirmar?

Chegamos à terra e as coisas já cá estavam; saímos da terra e as coisas cá ficam. Tocamos nelas como o artista toca nas teclas do piano. Mas o artista não diz que as teclas do piano são propriedade sua, não. Isto é: Ao tocar nas coisas da matéria, nós somos feitores, e temos obrigação de ser fiéis.

Por vezes acontece que somos feitores infiéis, quando realmente supomos ser senhores absolutos, quando nos substituímos ao único Se-

nhor, quando substituímos a Deus, e quando transformamos as coisas, que nos passam pelas mãos, em instrumentos únicos nossos, sendo elas de utilidade de todos os filhos de Deus.

É a primeira grande lição que se tira do Evangelho. Diríamos a primeira e total lição. Esta é a essência de toda a ascética: Ter ou não ter o coração preso, escravo das coisas da terra. Eis no que consiste a virtude. Diria ainda que devemos ter fé em Deus, Deus que é nosso princípio, Deus que é nosso destino. Ter ou não ter o coração preso às coisas da terra..! Devemos passar por elas como feitor, que administra aquilo que não é seu.

Agora, a lição das circunstâncias: Estamos aqui, como disse há pouco, por alguma razão.

Eu lembro o cristão, evoco o cristão. Também recordamos o homem e vós evocai quantas qualidades ou virtudes entenderdes, que talvez não esgoteis o tema. Evocando o cristão parece que posso dar testemunho de que ele cumpriu o Evangelho do dia de hoje.

Passou pelas coisas, tocou nas coisas, transformou-as, nobilitou-as, enriqueceu-as, aumentando-as, como feitor fiel que sabia que o Pai, que está no Céu, que é o Criador de tudo, é de tudo Senhor absoluto.

Que bela lição nos pregou com a sua vida! E que magnífica riqueza ele deixou aos seus! Seus, sua família; seus, seus amigos; seus, todos nós. Lição tirada das circunstâncias.

Olho para as suas mãos. Quando o conheci, já eram trémulas. Foi nos últimos anos da vida dele que tive a honra de ser enviado, como pastor, para estas terras. Olho para as suas mãos, e contemplo o que se lê em certo livro. Leio nelas o que se escreve magnificamente aí: Mãos calosas teriam sido primeiro; mãos depois brilhantes de aristocrata. As de Cristo, pelo menos foram-no; as do Mestre, as do Doutor.

Porém, sobre as mãos calosas de Cristo, e sobre as mãos brilhantes, digamos, de Nosso Senhor Jesus Cristo também feito Mestre,

daquelas mãos e sobre aquelas mãos correu sangue; o sangue de Deus, que nobilitou a primeira fase da sua vida. O Senhor Jesus Cristo, com o trabalho manual também nobilitou, deixai dizer assim, a segunda parte da sua vida de trabalho intelectual, do trabalho de redentor, do Messias que era o Senhor Jesus Cristo.

O sangue divino, que cai sobre a nossa matéria, que cai na realidade de toda a nossa vida, seja ela qual for, brilhante ou não, de aristocrata ou de homem muito humilde, que cai sobre o nosso ser, transforma em divino aquilo que é humano, transforma as coisas que valem para a eternidade, aquilo que, em si, pode ser pó e nada.

É no sangue divino, derramado sobre as coisas, que se encontra a transformação de tudo, a elevação da vida do homem à dignidade divina de filho de Deus.

Era a lição das coisas, das circunstâncias, que eu queria de novo citar. Parece-me que a figura que recordamos, que evocamos, tomou o sangue de Cristo sobre si, no dia do baptismo, inconscientemente. Graças a Deus e à Santa Madre Igreja, mais tarde, conscientemente — cristão consciente que era — à luz desta fé, à luz desta doutrina é que ele conseguia transformar em divino o trabalho. O seu e o dos seus. De sua família operária, que tão grande foi e tão grande é!

Este homem, afinal, passou pela terra, enriquecendo a terra e lançando sobre ela reflexos do céu, pois que nele e pelos seus, ele estava a produzir virtude, mérito para a vida eterna, ele estava a viver de modo sobrenatural.

Eis a grande lição do cristão: vivia a vida natural de modo sobrenatural. Vivia a vida de cada dia como filho de Deus.

Vivia na terra em salmos que, assim, também rezava; vivia em acções que eram hino de louvor a Deus, e que por certo, eu creio, estará a entoar nesta hora diante do Omnipotente. E eis, Senhores, a homilia da Santa Missa.

Afinal, nada vos preguei ; e preguei-vos tudo.

Preguei-vos a essência, como vos disse, da ascética cristã, e apresentei-vos um modelo evocando o exemplo de alguém que viveu cristãmente no trabalho, como filho de Deus, o exemplo de alguém que concorreu para enriquecer a sociedade, e, assim, os seus irmãos.

Feitor fiel, nunca pensou só em si. Pensou nos outros, para os outros trabalhou, para os outros trabalhava.

E por ser assim, porque temos a consciência de que foi assim, a certeza de que foi assim, aqui estais reunidos ; e eu também.

Vindos muitos de longe, vindos outros de perto, mas estamos todos aqui com o coração envolto em saudade.

Pois bem ; eu vos exorto a que sobre essa saudade coloqueis agora uma prece, que seja verdadeiramente fervorosa, a implorar do Senhor, para ele, o repouso eterno, a felicidade junto de Deus ; para os seus, os que com ele trabalharam, a graça de poderem continuar no mundo a realizar o seu exemplo, a enobrecer a matéria, mas, ao mesmo tempo, a enobrecer a vida com a vida sobrenatural, própria dos filhos de Deus ».

III

Acta da Inauguração

«AOS nove de Julho, de mil novecentos e sessenta e sete, na pra-
ceta da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, da cidade
de Barcelos, estando presente Sua Excelência o Ministro das Corpora-
ções e Previdência Social—Senhor Professor Doutor José João Gonçalves
de Proença, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria
da Silva—venerando Arcebispo Primaz, o Excelentíssimo Senhor Dr. Fran-
cisco Leandro Pessoa Monteiro — Governador Civil do Distrito, o Exce-
lentíssimo Senhor Dr. Luís Fernandes de Figueiredo — Presidente da
Câmara Municipal de Barcelos, o Excelentíssimo Senhor Dr. Henrique
Veiga de Macedo — orador do acto, o Excelentíssimo Senhor Professor
Doutor Joaquim José Nunes de Oliveira — Deputado da Nação, as ilus-
tres Comissões Promotoras do Monumento e outras personalidades, pro-
cedeu-se à inauguração da ESTÁTUA DE JOÃO DUARTE, preito de
gratidão e homenagem à memória deste insigne Barcelense, varão assi-
nalado, e enobrecido pela sua obra criadora, que proporcionou nova era
de progresso e bem estar; pela sua acção filantrópica, facultando com
as suas empresas a promoção da grei; pela sua acção beneficente, es-
tendida aos carecidos e, de modo saliente, à infância e à juventude,
sendo assim creditado como bom português e bom cristão, digno das
honras públicas prestadas.

Em testemunho deste solene acto de reconhecimento, a que, gene-
roso e agradecido, se associou o povo, e para constar, foi lavrado este
auto, que vai ser assinado ».

*José João Gonçalves de Proença, † Francisco, Arc. Primaz, Maria
da Glória Vieira Duarte, Francisco Leandro Pessoa Monteiro, Luís Fer-*

nandes de Figueiredo, Henrique Veiga de Macedo, Joaquim José Nunes de Oliveira, Agostinho Guimarães Pestana, António Maria Santos da Cunha, Maria José Novais, Eurípedes Eleazar de Brito, Álvaro Rodrigues, Eugénio Pinheiro, P.^e Rodrigo Alves Novais, Manuel Pereira da Quinta Júnior, P.^e Alfredo Martins da Rocha, João Augusto Vieira Duarte Veloso, Armando Pereira do Vale Miranda, Manuel Freitas Figueiredo, Joaquim Furtado Martins, Maria da Glória Vieira Duarte de Sousa Coutinho, Gaspar de Sousa Coutinho, Aníbal Araújo, Paulo Pereira, Clara de Assis Furtado Duarte Veloso, P.^e João Francisco Ribeiro, Mário Augusto Viana de Queirós, Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras, José da Costa Teixeira, José Ribeiro Novo, António Carlos Correia, Rogério Domingos da Costa Carvalho, António Augusto da Silva Costa, José Luís Cadaval Queirós Ribeiro de Sousa Coutinho, Lúcia Duarte de Azevedo Miranda, Armindo Miranda, Jorge Sigismundo Álvares Pereira de Lima, Maria Eulália Felgueiras Gayo G. L. P. Q. P. de Lima, Fernando João Torres Álvares Pereira de Lima, P.^e Manuel Lopes da Cruz, Manuel Sousa Carvalho, Flávio Carvalho, Manuel Moniz, Arnaldo de Matos Azevedo d'Almeida, Lourenço Pinto Martins, Alfredo Ferreira da Fonseca, Emília de Sá Fonseca, João Martins da Fonseca, Carlos Augusto de Arrochela Lobo, Otto Nogueira, António Marques de Azevedo, José Maria de Quadros e Costa, Augusto Rodrigues, António Carlos de Sá Fonseca, António Rodrigues de Miranda, Ernestina Gomes de Miranda, Maria Amélia Vilas Boas, João Duarte de Sousa Coutinho, Gaspar Augusto Duarte de Sousa Coutinho, José António Duarte de Sousa Coutinho, Manuel Duarte de Sousa Coutinho, Maria do Rosário Duarte de Sousa Coutinho, Isabel Maria Furtado Duarte Veloso, João Carlos Furtado Duarte Veloso, P.^e Avelino Ferreira, Joaquina da Cunha Vieira, Maria do Carmo Martins Soares da Silva Freitas, Elysio de Moura, Maria Júlia Ferreira Dias da Costa, Manuel da Graça Pereira, Joaquim Domingues de Almeida, Eurico António e Silva Dias Gomes, António da Silva Portas Meira, Luís Vieira, Rogério da Costa, Ricardo Fernandez, Elisa Montenegro de Fernandez, José Piñeiro, Elisa Fernandez de Piñeiro, Álvaro N., Maria Tereza Montenegro, Victor Homem de Almeida Dina Homem de Almeida, Maria da Glória Vasconcelos Pinheiro, António Pedro Vasconcelos Mota Freitas, António Valdaia Magalhães, Domingos

Magalhães Júnior, Antero de Faria, António Vasco Barreto de Faria, António Fernandes Borges Vinagre, António Barbosa Borges Vinagre, António Mota Freitas, Maria da Paz Vasconcelos Mota, António Gonçalves de Azevedo, Maria Augusta Vasconcelos Gonçalves de Azevedo, Elvira Vasconcelos Pina, Mário Taron de Oliveira, Alain Berthault, Mady Berthault, Virgínia Campos, Jorge Barbosa, Maria Isabel de Sousa Coutinho, José Machado, Joaquim de Sousa Coutinho, Erika de Sousa Coutinho, José Luís de Sousa Coutinho, Ester de Sousa Coutinho, Joaquim José Martins Soares, Celso Lima Torres, Laura Sousa Coutinho Lima Torres, Lourenço Pinto Martins, Ana Saraiva Pinto Martins, Joaquim Neiva de Oliveira, António José de Sousa Costa.

Após a leitura da acta o Senhor Ministro e o Senhor Arcebispo Primaz descerraram o Monumento entre calorosos aplausos e grande emoção.

IV

Bondade e Serenidade
ou
A Vida de João Duarte

DISCURSO DO SENHOR DR. H. VEIGA DE MACEDO

SE a púrpura e as insígnias prelatícias, aqui bem junto de nós, brilham à luz desta tarde doirada de Julho, os excelsos méritos e virtudes de quem, por dever sagrado, as ostenta, refulgem ainda mais aos nossos olhos e à nossa consciência de católicos e de portugueses. Por isso, e nesta dupla e nobilíssima qualidade, inclinemo-nos, em sinal da mais respeitosa veneração, perante o Senhor Arcebispo Primaz, e, através dele, perante a Igreja, mãe na Fé, mestra no Espírito, timoneira segura e infalível no nosso peregrinar para Deus.

Para o Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social vão também, com as minhas próprias saudações, os cumprimentos da família de João Duarte, em nome ~~da~~ de quem, — gratíssima incumbência esta, — lhe reitero os protestos do melhor reconhecimento por ter acedido a presidir a esta cerimónia, à qual veio outorgar a projecção e o luzimento que, doutra forma, não alcançaria.

As minhas últimas palavras prévias, que são ainda de agradecimento, endereço-as à Ex.^{ma} Comissão Promotora da homenagem, por me haver convidado para falar em nome de todos neste acto, e ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Barcelos pelos sentimentos de amizade que, ofendida embora a justiça, o levaram a sobrevalorizar generosamente uma accção governativa que só terá tido o merecimento da sinceridade e da fidelidade aos princípios e aos superiores interesses nacionais.

Senhor Ministro ;
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Primaz ;
Senhor Governador ;
Senhores Deputados da Nação ;
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Barcelos ;
Ilustres Autoridades Religiosas, Militares e Cíveis ;
Dignos Dirigentes Corporativos ;
Senhoras e Senhores :

○ sol ardente desse primeiro dia estival de 1965 caía, a prumo, sobre a vegetação e os caminhos, quando deixei a estrada de Barcelos a Viana, e voltei à direita para a hospitaleira *Casa do Monte*, aonde me levava o coração em romagem que era de amizade e o seria também de despedida — despedida definitiva neste mundo.

Subi, lento e pensativo, a escarpa que mãos de artista aformosearam com arbustos e rosas. Ao cimo, parei, para contemplar o majestoso anfiteatro que a natureza desenhara nesse recanto paradisíaco do Minho.

Olhei ao perto e ao largo, deslumbrado com tanta maravilha. A chuva de ouro tudo inundava e aquecia. Túrgida e bela, a terra desentranhava-se em flores, perfumes e frutos. Nos ouvidos, tão suave como se fora silêncio, a sinfonia dos trinados e zumbidos e do marulhar das águas. Nos olhos, a harmonia perfeita do azul do céu e das tonalidades policrómicas da paisagem.

Abade do Neiva, sob a luz ofuscante do meio-dia, dominava, com seu olhar alto e verde, os longes verdes dos campos e dos pinheirais, a espriarem-se por montes e vales a perder de vista, e os longes também verdes do mar, lá ao fundo salpicados de branco, naquele enamorado e perene desafio a um povo para quem o Oceano — o Pai Oceano, diria o Poeta — sempre foi apelo sedutor, destino irrecusável.

Por toda a parte, ao sopro divino, a força indomável e ordenada da criação fazia valer a lei da vida.

Mas a morte começava a rondar por ali, que eu bem a pressenti a ramalhar por entre a folhagem, de mistura com a brisa. Não era — não, não podia ser! — a morte vingativa, apressada, de foice adunca a ameaçar impiedosa, brutal.

Não! Era uma morte que procurava, com leveza e doçura, o homem bom e justo e crente que, meses depois, a ela se entregaria, longe dali, na terra em que iniciara há dilatados anos, a sua carreira de trabalho honrado e produtivo. Era a morte-misericórdia, a morte libertação, a irmã-morte de S. Francisco de Assis, acenando já, com suas asas brancas, a recompensa, a vitória, a visão eterna e beatífica de Deus... a Vida.

Senhores :

Conhecera João Duarte Veloso vinte anos antes. Pesava, então, sobre os meus ombros, de principal responsável pela execução da política social no distrito de Braga, a tarefa, iniciada corajosamente por ilustres antecessores, de promover a melhoria do padrão de vida da boa gente do Minho, tão carecida de protecção. Apresentava-se particularmente aflitiva a situação dos milhares de trabalhadores das indústrias têxteis. Os seus exíguos salários constituíam afronta à dignidade humana, e eram causa de justificada inquietação social. Díficeis, e por vezes, angustiosas, as diligências ou lutas para enfrentar esta injustiça haveriam de prolongar-se por alguns anos. Nelas tive de participar, de 1945 a 1949, como Delegado do I. N. T. P. em Braga, e, depois, no Porto, e mais tarde, de 1955 a 1961, como Ministro das Corporações e Previdencial Social.

Quando olho para trás, e meço o caminho andado, e relembro os homens que souberam trilhá-lo com determinação e lucidez, logo descortino, na primeira linha, a silhueta atraente e inconfundível de João Duarte, o industrial que, persistente e enérgico, se bateu sempre pelo estabelecimento de mais justas condições de vida para os trabalhadores têxteis. Impelido por tão alevantado propósito, aproveitava todas as

ocasiões que se lhe ofereciam para me pedir se fizesse justiça àqueles trabalhadores, e não deixava de estimular-me, com palavras de congratulação, sempre que se instauravam mais latas e eficazes regalias de carácter social.

Nenhum outro industrial — e tantos houve, felizmente, que se mostraram à altura dos seus deveres sociais — se lhe avantajou em gestos desta natureza, bem demonstrativos da sua inexcedível magnanimidade, do seu espírito cristão.

Tal posição, pela autoridade de quem a tomava, era, amiúde, invocada pelos Sindicatos interessados e por altos mentores da política do trabalho, e concorreu, sensivelmente, para a publicação de despachos normativos ou conclusão de convenções colectivas e, assim, para a satisfação de legítimas aspirações das classes operárias.

Este mesmo pendor de alma fazia dele apóstolo zeloso da política habitacional. Quando, numa das nossas habituais e amenas conversas, lhe anunciei que os dinheiros da Previdência iam ser postos, em larga escala, e através de novos, mais naturais e eficientes sistemas jurídicos, ao serviço do combate à crise de alojamentos, a sua alegria expandiu-se de modo impressionante. E logo que a Lei n.º 2092, de 9 de Abril de 1958, foi promulgada, bateu à porta de quem tivera a iniciativa de tão importante diploma, a solicitar indicações que lhe permitissem aplicá-lo, sem demora, em favor dos seus empregados e assalariados, em especial na parte respeitante a empréstimos para a construção de casas. Também neste domínio haveria de ser dos primeiros na ordem cronológica e na generosa compreensão com que, ao abrigo dessa Lei do fomento da habitação económica, se lançou a um empreendimento sonhado e aprovado há anos, e solenemente inaugurado, em 19 de Junho de 1965.

Embora de longe, vivi alvoroçado, o acto inaugural, principalmente por ter servido para se prestar pública e condigna homenagem a quem, uma vez mais, marcara presença de vanguarda entre os melhores patrões portugueses. Dois dias depois, de passagem para Abade do Neiva, onde João Duarte se acolhera após as emoções vividas, e para tentar, debalde, a recuperação da sua tão abalada saúde, aqui vim também, pois não que-

ria deixar de me associar a manifestação de tão significativo apreço a um grande benemérito. E se as bandeiras e festões ao vento e as pétalas ao longo dos caminhos falavam ainda a linguagem jubilosa dos acontecimentos festivos, as pedras, a cal e o cimento feitos lar e, sobretudo, as lágrimas que, em olhos leais e amigos, pude ver, proclamavam o triunfo da aliança de uma lei renovadora e de um industrial de rasgada visão.

Anos antes, João Duarte, que estudara atentamente a proposta de lei, de 28 de Maio de 1957, sobre a reforma geral da Previdência, verificando, com apreensão, os entraves que obstavam à sua conversão em lei, aconselhara quem então sobraçava a pasta das Corporações a encarar providências destinadas a ampliar os esquemas de segurança social. A sua argumentação, sentida e procedente, haveria de contribuir para a publicação, em 23 de Setembro de 1960 e em 3 de Maio de 1961, de alguns diplomas de real alcance, que me foi dado subscrever, e nos quais o pensamento do Governo se identificou com o do homem de bem, cuja figura aí está esculpida no bronze, forte e perdurável como a nossa veneração e a nossa lembrança.

Toda esta valiosa actuação, ignorada de muitos, era, afinal, o múltiplo desdobramento da obra social realizada nos estabelecimentos industriais nascidos do seu talento empreendedor.

Já quando da execução do Plano de Educação Popular, aprovado pela legislação de 27 de Outubro de 1952, que deu efectiva e generalizada aplicação ao princípio da escolaridade obrigatória, e instituiu a Campanha Nacional de Educação de Adultos, João Duarte se distinguiu, criando nas suas fábricas clima propício à luta contra o analfabetismo e promovendo o funcionamento de cursos de instrução de base, em que aprenderam a ler numerosos trabalhadores de todas as idades.

Para ele, a empresa não era apenas uma organização técnica e económica, mas também, e acima de tudo, uma comunidade de vida, uma simbiose de interesses solidários, um bloco de aspirações idênticas. Tudo fez, por isso, para dar às suas empresas uma vivência cristã e um sentido marcadamente familiar. Não descurava o problema das relações

humanas, porque sabia que o conagraçamento entre o capital e o trabalho, o patrão e o operário, tem de começar dentro da empresa, a qual, disse-o um dia, deve ser obra de todos. E acrescentava: « E todos, como numa família unida, a temos de realizar em ordem e paz. É o que sempre procurámos fazer, e felizmente o temos conseguido ».

Era um chefe que não se esquivava a dar a palavra de ordem ou a chamar a si as responsabilidades que lhe cabiam. Mas os seus colaboradores, respeitando-o no exercício da função directiva ou na sua aliciante convivência pessoal, compraziavam-se em ver nele mais o amigo do que o chefe.

A sua acção social não se revestia de aspectos de inadequado paternalismo. Movido pelo propósito de fazer justiça sem ferir susceptibilidades, era, por isso mesmo, olhado e estremecido por todos como se fora um pai, tal a delicadeza das suas ordens e instruções, a autoridade moral do seu porte, o equilíbrio do seu proceder, a longanimidade do seu espírito.

Antecipava-se, frequentemente, à intervenção oficial ou aos contratos colectivos, na elevação das remunerações e na fixação de melhores condições para o seu pessoal. O trabalho feminino merecia-lhe desenvolvimento singular, e daí que pusesse toda a solicitude em garantir às mulheres, além da satisfação dos seus direitos específicos, ambiente sadio e digno nos locais de prestação de serviço.

Em matéria de Previdência foi, em diversas modalidades, como nas da cobertura dos riscos de doença, invalidez ou velhice, um precursor.

Na concessão de refeições, transportes e empréstimos, na ampliação dos períodos de férias anuais, na atribuição de gratificações e subsídios de casamento e outros de vária ordem, na integração dos benefícios da Previdência, na organização e manutenção de colónias balneares infantis, na protecção escolar e na preparação de técnicos, no pagamento de rendas e na construção de moradias para o seu pessoal (as primeiras datam já de 1939 e 1941), na manutenção de um lactário-creche, onde os filhos dos operários, nos primeiros anos de vida, são acolhidos

e assistidos com carinhosa proficiência... em tudo isto, e no muito mais que se sabe ter feito no campo da acção social ou formativa, João Duarte foi exemplo radioso que há-de perdurar como fonte vivificadora na consciência de muitos que, por amor de Deus e do próximo, vão certamente segui-lo a fazer bem, na caridade e na justiça.

«...Corrupta a raiz, não podem rebentar nem frutificar os ramos: assim, violada a justiça, não pode florescer a paz nem dar fruto de bem comum». Formosas palavras estas de Frei Amador Arrais, cujo pensamento tanto se consubstanciou com a vida de João Duarte. Sua alma de raiz sã, robustecida pela educação primorosa recebida dos pais, desaparecidos tinha ele sete anos, e de suas estremosas tias Júlia, Prazeres e Isabel, debruçava-se solícitamente sobre os outros, para os assistir no corpo e no espírito. Em todos, mesmo nos inimigos, via irmãos em Cristo. A todos tratava, e empenhava-se em que fossem tratados, com justiça, que bem sentia ser fundamento de paz e instrumento de bem comum.

Dir-se-ia que as suas vincadas aptidões para as actividades industriais, as suas faculdades de decisão e a sua capacidade organizadora visavam mais fins sociais e pedagógicos do que os legítimos objectivos de independência e desafogo económico para si e para os seus.

Creio bem ter sido esta a força mestra a impulsionar os seus empreendimentos comerciais e industriais, que, mau grado vicissitudes e contratempos, dominados com serena confiança e superior dignidade, atingiram proporções muito vultosas, materializadas, à sua morte, em três grandes fábricas, em Barcelos, no Porto, e em S. Mamede de Infesta, que são o ganha-pão de mais de dois mil trabalhadores. Algumas outras empresas fundou, por sua iniciativa, ou em cooperação com vários homens de negócios.

Esta propensão para o comércio e para a indústria desde cedo se fez sentir no homem que, nascido a 19 de Março de 1888 em Barcelos, onde fora aluno do famoso professor do ensino primário Manuel José Pereira Nunes, seguira, aos treze anos, para o Porto, a fim de trabalhar na casa comercial do seu tio Domingos Duarte. Começaria por varrer

e arrumar os armazéns e, aos catorze anos, fazia a sua primeira viagem como vendedor, em que logo evidenciou raro tacto comercial, que se foi apurando com o seu esforço no trabalho profissional e no estudo, a ponto de ter sido convidado para sócio da casa, e, seguidamente, se ligar à actividade de outro seu tio, José Duarte, que lhe propiciou mais completa valorização técnica e literária.

Pequeno fabricante de perfumarias e comerciante de flores artificiais, começa, depois, a ganhar corpo o seu sonho de vir a ser um grande industrial. Adquire, então, uma modesta fábrica no Porto, que é ampliada, algum tempo depois. Mais tarde, em 1921, movido também pelo entranhado amor que votava à sua terra, e bem patente em mil e uma atitudes da mais diversa índole, constrói, aqui, a fábrica de passamanarias, a qual também seria, sucessivamente, de rendas e meias, de fiação de lã, de malhas e confecções. À sombra dela nasceriam, no fim de contas, outros estabelecimentos fabris, factores de progresso da região, que, só por isso, se mais razões não houvera, teria de ficar grata ao arrojado pioneiro da indústria barcelense, que hoje emprega milhares de pessoas e constitui núcleo relevante na economia do País.

É possível que este afã construtivo e esta ânsia de erguer obra séria e duradoira tenham, por vezes, gerado incompreensões, dissídios e ressentimentos ou suscitado erros próprios da condição humana. É natural que João Duarte fosse alvo de críticas e malevolências, pois os que nada fazem não costumam ver com bons olhos que os outros façam alguma coisa. Neste País, em que o escalracho da inveja medra e fere por demais, não falta, infelizmente, — já o ouvi dizer ou já o disse algures — quem possa queixar-se, com razão, de que tudo se perdoa menos o êxito. Pois, apesar disso, João Duarte foi sempre impenetrável a ódios e animadversões, e nunca conheceu o sabor da vingança ou da retaliação.

Complacente e bom, sabia perdoar os agravos. Inteligente, imparcial e cordato, os seus juízos eram avisados, objectivos e prudentes. Parco no falar, muito diziam as poucas palavras que proferia. A serenidade era nele norma inviolável no dia a dia da sua existência. Tran-

quilo em todas as circunstâncias, causava espanto a calma de que dava mostras, mesmo quando à sua volta reinava a confusão ou a excitação.

Todos estes atributos e virtudes, se decorriam da sua sólida formação e da inteireza do seu carácter, nutriam-se sobretudo da fé em Deus: fé esclarecida, arreigada, inabalável, que foi farol a iluminar-lhe os passos e a imprimir à sua vida sentido dignificante e transcendente.

A caridade vivia com ele e exteriorizava-se, copiosamente, em donativos, conselhos, perdão, amor. As casas de assistência e as obras pias, as congregações religiosas e os seminários, os pobres, os doentes, os encarcerados, e até os comerciantes infelizes nos negócios, os rapazes e raparigas impossibilitados, por falta de meios, de prosseguirem os estudos... têm dado testemunho agradecido da extensão de tão abençoada benemerência. Não poucos lhe devem o curso superior, e muitas são as vocações sacerdotais que, graças a ele, puderam florescer e frutificar.

Amava a Igreja, e votava ao Papa, aos Prelados e aos Padres amor filial, próprio do católico indefectível que era. Possuía, na verdade, o sentido ínsito da hierarquia, e daí ainda o acatamento que dava às determinações das autoridades e o escrúpulo que punha em cumprir as obrigações para com o Estado.

Homem metódico e de acção incansável, sabia que sem ordem não há trabalho fecundo nem progresso. A sua posição política era a de defensor dos regimes que, alicerçados na justiça e na liberdade, garantem a paz social, e fomentam o desenvolvimento moral, cultural e económico da Nação, na integridade do território e na dimensão da sua vocação ecuménica. À menor tentativa de alteração da ordem pública, logo aparecia, na primeira linha, a oferecer o seu contributo à preservação da paz e das instituições e a sua colaboração às mais altas magistraturas políticas.

Recorde-se a solidariedade incondicional que, orgulhosamente, sempre ofereceu ao Senhor Presidente do Conselho, a quem dedicava sentimentos da mais elevada e cordial consideração, aliás correspondidos

em mensagens públicas bem expressivas de Salazar, entre as quais uma em pleno período eleitoral de 1958 e outra dirigida à família e aos trabalhadores de João Duarte, aquando da morte deste português de lei.

O amor da Pátria e da família era nele emanção do próprio amor de Deus. Vivia intensamente os problemas nacionais, e deles tinha uma visão clara e realista. Do lar fez santuário de vida e educação cristãs.

Pessoa de bem e de ânimo resoluto, amigo leal e firme, nas boas e más horas, patrão justo e sensível, educador extraordinário, chefe de família exemplar, patriota fervoroso, católico consciente e desassombrado, o homem cuja efígie o nosso reconhecimento e a nossa admiração, por mãos de artista de raça, plasmaram em metal duro e nobre, e cujo espírito tutelar e benfazejo paira sobre esta paisagem minhota tecida de luz e verde, haveria de ter já em vida, além do amor terno e fundo dos seus, o louvor e aplauso da Igreja, do Estado e do Município, e ainda dos seus concidadãos e dos seus trabalhadores.

Em 1936, o Governo galardoa-o com a Comenda de Mérito Industrial.

Em 1937, a Santa Sé, sob o pontificado de Pio XI, agracia-o com a Comenda de S. Silvestre.

Em 1944, a cidade de Barcelos rende-lhe expressiva homenagem pública.

Em 1965, por ocasião da inauguração dos bairros residenciais construídos junto à avenida que passou a ostentar o seu nome prestigioso, o Governo, a edilidade, o povo, e os seus trabalhadores e famílias, adivinhando que João Duarte não tinha à sua frente muitos anos de vida, tributaram-lhe ovações tão sinceras e calorosas que se repercutem ainda nos ouvidos e corações de todos, na vibração, ao mesmo tempo pungente e esperançosa, da mais viva saudade.

A 18 de Março de 1966, João Duarte extingue-se, na paz do Senhor, no Porto, e, no dia em que completaria 78 anos, recebe, no re-

gresso definitivo à terra maternal de Barcelos, uma consagração grandiosa e comovente como poucas.

Todos terão antevisto, então, o destino glorioso de João Duarte, pois dele bem poderia e poderá dizer-se ter sido sempre fiel àquele mandamento divino que o orador do Maranhão vasou nesta sentença de oiro: « Aos outros, como se fora eu: a mim, como se eu fora outro. »

Senhoras e Senhores:

O sol em labareda! A canção da cor e do som, a vibrar livre, orquestral! O mar e a terra, a terra e o mar feitos Pátria e História! O poder demiúrgico de Deus, na natureza e nas almas! A vida a entregar-se à morte para ser mais vida... para ser vida sem fim!

Abade do Neiva, nesse primeiro dia de Verão de 1965..! É em ti que quero estar, porque bem sabes que o sentimento e o pensamento das palavras acabadas de dizer são precisamente aqueles que junto de ti, nesse dia criador de Junho, me vieram à sensibilidade e à mente. É em ti, que estou de novo. Recua comigo no tempo, e deixa-me aconchegar em teu sugestivo regaço para te admirar e, em ti, admirar o homem que te elegeu princesa da sua predilecção.

Assim mesmo! Bem hajas, por me acompanhares nas reconfortantes recordações suscitadas pela vida de quem, aqui mesmo, aguarda, com edificante estoicismo, a sua hora decisiva.

...Nele, a serenidade, a bondade e a fé são o pulsar do seu coração. Para ele, os trabalhadores são família. Ama a Pátria e a Igreja. É honesto. É digno. É inteligente. É dadivoso. É paciente. É modesto. É tolerante. É respeitado e estimado...

...Conhecera eu João Duarte vinte anos antes...

Senhores :

Tenho que interromper esta evocação. Aí vem quem acaba de nos surpreender. Aí vem franca, amiga, distinta, D. Maria da Glória Vieira Duarte, perante quem me curvo, com o respeito, a simpatia e a ternura devidas à mulher que, afável como Raquel e fiel como Rebeca, permaneceu firme na fé e nos mandamentos e, fazendo do matrimónio jugo de amor e paz, esteve no centro da vida e dos triunfos do marido, que hoje continua a glorificar no sofrimento, na saudade... e na fortaleza de ânimo e no prosseguimento de uma missão.

Reverenciemo-la todos, e sigamo-la por entre as flores e os poemas a brilhar nestes artísticos azulejos, para saudarmos, uma vez mais, o dono da Casa, e mitigarmos, com o bálsamo do afecto, a dor que o vai sublimando.

Sigamo-la para que todos testemunhem a promessa que me ocorre, inopinada, sedutora, irreprimível, ao lembrar-me de que João Duarte ama as crianças, para quem erigiu esse monumento admirável que é o infantário da sua empresa barcelense.

Sigamo-la e entremos. Lá está ele! Não o vêem, ali ao fundo? Não o vêem, o nosso amigo, cada vez mais diáfano e mais perto do Céu, à frente da imagem do Sagrado Coração de Jesus da sua devoção maior, a dar-nos as boas vindas?

Pois, João Duarte amigo, aqui está a promessa: — a Previdência Social construirá e manterá, em Barcelos, uma obra como a tua... maior ainda, para que outras crianças, muitas outras crianças, passem a ter também o lugar ao sol que lhes pertence.

Não o vêem, Senhoras e Senhores, ali ao fundo, sereno e feliz, a aceitar a promessa com o sorriso das lágrimas?

Senhor Ministro :

Releve o atrevimento — o santo atrevimento. Avalize com sua preclara autoridade o compromisso assumido em hora de inspiração pe-

rante João Duarte, e consinta que este nome impoluto fique a patrocinar a obra da nossa gratidão e do nosso encantamento.

Então... então... esta jornada será autenticamente grande, e esta apoteose ganhará ressonâncias belas, promissoras, inextinguíveis... nos cantares, nos risos, nos chilreios de crianças de sucessivas gerações.

Não é verdade que o homem sonhou e Deus quis... e quer?

Diga, Senhor Ministro: «a obra surgirá»... E o sonho se fará palavra... e a palavra se fará amor.

v

Palavras do Senhor Ministro
das Corporações e Previdência Social

«FOI dito tudo na palavra sagrada da belíssima homilia, que há pouco ouvimos do nobre prelado. Dessa palavra brotou, vivo e presente, o homenageado desta tarde, na sua veste de cristão, nas suas virtudes de filho da Igreja, na sua grandiosidade de filho de Deus.

Foi dito tudo na palavra eloquente do meu ilustre antecessor, que do homem foi como companheiro, como amigo, como colaborador, associando-o à política social, que impulsionou e ajudou a engrandecer.

Foi dito tudo. E, pelo mérito dessa obra e das palavras ditas, veio, claro, até nós, o empresário, o trabalhador, o chefe de família, e logo o vimos aqui, presente, vivendo connosco este momento, que ele uma vez mais vai interpretar não em homenagem a ele próprio, mas como homenagem a todos aqueles que com ele colaboraram na Obra, que saíu do seu espírito e que foi realizada pelo seu esforço, pela sua vontade.

Ele aqui está, no bronze que figura o homem, e na pedra que aponta a Deus, consubstanciando uma realidade, que é terrena, mas que transcende as realidades desta terra.

Foi dito tudo. E eu não poderei nada acrescentar, até porque não fui seu amigo. Não tive essa honra e satisfação.

Conheci João Duarte poucos meses antes de converter o conhecimento em realidade irreversível.

Mas talvez por isso tenha alguma coisa a dizer.

As minhas palavras não são tocadas de suspeita de amizade, nem podem ser acusadas de parcialidade humana, que não nos ligou.

São palavras de alguém de fora, são palavras objectivas, são palavras imparciais, e elas serão aproveitadas apenas para tirar desta cerimónia as lições que nela se contêm: Uma lição de humildade, uma lição de justiça, uma lição de mérito.

Lição que envolve um acto de humildade, a humildade de todos nós perante a vontade de Deus. Deus, que quer apenas evoquemos aquele que desejávamos que entre nós estivesse.

Humildade perante a vontade do Senhor, aceitando os seus desígnios e colhendo deles os ensinamentos que comportam.

Não está entre nós, mas mais forte é estando longe, pois que o seu exemplo fica, e este é imperecível e eterno.

Esta a lição imortal que viemos receber perante o homem que humildemente viveu, que humildemente quis morrer, e tão forte foi nestas características que elas gravam a pedra, nas primeiras palavras da coluna que se ergue junto do seu corpo: *Simples e humilde, generoso e bom.*

A outra lição é de justiça. Lição que envolve um acto de justiça, que aqui viemos fazer, que aqui viemos prestar a quem dela se tornou merecedor.

Nada mais grandioso, nada pode engrandecer tanto os homens, como admirar o seu semelhante, respeitá-lo, dignificá-lo, apontar o seu exemplo, quando digno disso seja.

Foi um acto de justiça que aqui viemos fazer. E, fazendo-o, culto de justiça tão alto colhemos também.

Aqui, deste lado, está a comissão promotora da homenagem e desta cerimónia, está a cidade de Barcelos, estão todos aqueles que contribuíram para o acto.

Lição de justiça, que fica para além do homem. E essa já tem a forma das coisas irreversíveis, porque não mais perecerão ao contacto das coisas terrenas.

Finalmente, a lição de mérito. O mérito que viemos realçar, o mérito que viemos sublinhar, ao dizer que vale a pena cumprir o dever, que vale a pena seguir os princípios que enformam a nossa dignidade, que vale a pena ser recto, *simples e humilde, generoso e bom*.

O mérito de uns, que foi melhor. O mérito que todos gostaríamos de ter para nós também.

É esta a lição de mérito, que aqui hoje ficou bem expressa, que aqui ficará perpetuada.

E é tudo quanto poderia dizer-vos, não completando, mas juntando às palavras amigas um depoimento imparcial e objectivo.

Foi aqui evocada uma frase, que um poeta me consentiu e que eu tive a oportunidade de proferir na última vez — e primeira também — em que me dirigi a João Duarte.

A frase foi proferida: « O homem sonhou, Deus quis e a obra surgiu ».

O homem sonhou, Deus acompanhou-o, e essa obra imensa surgiu, e aí fica a atestar a bondade das coisas, aí fica a atestar a bondade do fiel administrador das coisas de Deus.

Ele foi o *feitor fiel*, que não lesou nas contas, por má administração, porque todas prestou, claras e abertas, com a generosidade de um coração que nunca se fechava, e na clarividência de uma vontade que nunca se limitou a si mesma.

E mais não direi, senão que foi bom que esta homenagem fosse prestada, porque é bom acrescentar mais um pergaminho a esta ilustre cidade, a esta Terra de pergaminhos tão alevantados — BARCELOS — que se orgulha do passado grande, e orgulha-se também do homem que fez grande o seu futuro. »

biblioteca
municipal
barcelos



14276

Inauguração do monumento a
João Duarte